

O VALOR DA EDUCAÇÃO LITERÁRIA

Olavo de Carvalho

Vocês devem se lembrar que eu comecei este curso dizendo que a base da formação cultural é a extensa leitura de literatura imaginativa: romances, contos, poemas épicos, poesia em geral, teatro, etc. Expliquei isso, na época, como algo que se dirigia à formação do imaginário pessoal. Mas esta era uma explicação muito sumária, e como não poderia deixar de acontecer, mais dias, menos dias, alguém iria pedir que fundamentasse isso melhor. Então, estou fazendo esta gravação para um aluno que levantou esta questão e está aqui presente, para naturalmente, complementar a pergunta inicial com outras. A gravação não é somente para ele, mas para todos os alunos do Seminário de Filosofia.

Em primeiro lugar, vejamos o que é uma pessoa culta; acho até que no Brasil hoje as pessoas tem uma certa dificuldade para entender o que é isso. Para definir a coisa sumariamente, digamos que o indivíduo culto é aquele que está capacitado a participar, utilmente, adequadamente, da conversação, do debate sobre as idéias que determinam os destinos dos seus contemporâneos. Não estou me referindo a debates sobre pontos específicos de ordem administrativa, econômica, mas sobre os debates das idéias em geral que vão ambientar a vida humana pelas próximas décadas. Esta é a primeira condição. É claro que para fazer isto o indivíduo precisa saber não só quais são essas idéias, quais são as alternativas, os vários enfoques, os vários níveis de abordagens possíveis, mas ele tem que ter também uma perspectiva histórica, saber de onde tudo isso surgiu, no mínimo, para ele ter uma medida da importância histórica das coisas, da sua duração, de modo a saber distinguir o que é uma coisa durável, de uma coisa efêmera, mera moda que vai passar amanhã.

Em terceiro lugar, é necessário que ele saiba articular isto com valores fundamentais. Valores fundamentais são aqueles que justificam que você perca a vida por eles. Pelo que você morreria? Esta é a pergunta. O indivíduo pode gostar muito de riquezas, bens materiais, mas ele não vai morrer por isto, por que depois de morto ele não pode desfrutar disso. No entanto, existem alguns valores que algumas pessoas consideram que vale mais do que a sua própria vida.

O indivíduo culto a quem eu estou me referindo ele tem que ser não só capaz de se orientar no meio das idéias contemporâneas, pelo menos daquelas que decidem os destinos das nações, que por sua vez decidem os destinos das outras, mas também ser capaz de articular isto numa escala de valores que seja defensável, faça sentido não somente pra ele, mas para outras pessoas também.

E, finalmente, é necessário que ele tenha tudo isto de maneira integrada na sua personalidade e não somente como um conhecimento que ele adquiriu ontem. As várias experiências culturais, os livros que leu, os valores que absorveu, têm que estar assentado dentro de sua personalidade de modo a se integrar nela. Foi nesse sentido que alguém que não lembro quem foi, disse que cultura é aquilo que sobra quando você esquece o que aprendeu. Você não precisa mais lembrar a informação exatamente como ela chegou a você, mas você reage de acordo com ela. Mesmo não lembrando mais qual foi a origem da coisa. Esta integração na personalidade é o elemento final da cultura. Integrar na personalidade significa que estes valores, conhecimentos adquiridos, eles passam a determinar a sua conduta e a sua reação espontânea. Um homem que tenha lido muito, mas que ainda reage de acordo com aquilo que aprendeu da mamãe e do papai, ou na escola primária, ou no seu círculo imediato de referência, não é um homem culto. Por que? Por que a coisa não está integrada, ele tem apenas a informação, mas ainda não foi processada, está lá depositada, como se fosse num estômago de um ruminante, que tem vários estômagos, num ele só deposita comida, noutro ele processa, assim por diante. A comida está lá depositada, mas não foi integrada ainda. Isto ali é um homem culto.

Um sujeito que leu muita literatura e de boa qualidade, pode ser considerado um homem culto e geralmente o é. Mas compare isto com um sujeito que tenha estudado física ou matemática exclusivamente a sua vida inteira. Esse é apenas um técnico provinciano totalmente alheio aos debates importantes do seu tempo; na verdade é uma pessoa que, por mais que ele esteja informado dos últimos avanços daquela ciência, ele não pode só com isso obter uma compreensão do que as pessoas estão discutindo e quais são os problemas políticos, religiosos, morais, sócio-econômicos, etc., da sua época. Ele, com todo o conhecimento de física do mundo, mesmo que ele saiba tudo, ele não consegue, não vai poder participar. Ao contrário, quanto mais física ele souber, mais ficará isolado disto. Quanto mais ele se fecha dentro desta área especializada, menos ele vai poder se orientar num quadro de interesses mais gerais. Não se trata aí do conceito de especialidade, pois o indivíduo que lesse somente literatura e crítica literária, estudos literários de modo geral, o indivíduo que fizesse isso, também estaria especializado, só que esta especialidade lhe daria a habilitação para participar de todos os debates contemporâneos. Qual é a diferença então? Por que é que o sujeito que estuda muita literatura é um homem culto e o homem que estuda muita física, muita matemática não é?

Em primeiro lugar, você veja que as idéias, as descobertas da ciência, todas elas se refletem na literatura de algum modo. Então alguém que tenha lido bastante literatura, algo ele sabe da teoria da relatividade, da teoria quântica, da influência da

física na sociedade, etc. Algo da física ele vai ficar sabendo. Agora, nada da Literatura Universal está referido nos livros de Física. Através de uma coisa ele fica sabendo de algo da outra, mas através da outra, ele não fica sabendo da outra. Esta é a primeira observação de ordem prática e imediata.

Em segundo lugar, a literatura usa a linguagem corrente das pessoas, procura refletir o estado da linguagem na sociedade. Não é somente a sua língua pessoal, para o escritor poder se expressar numa língua pessoal, ele precisa ter absorvido a língua de sua sociedade nas suas várias expressões, nos vários vocabulários grupais, os vários dialetos por assim dizer, usando dialeto no sentido técnico, no sentido de jargões grupais. Ele tem que absorver tudo isso, então a linguagem na qual ele se expressa é a linguagem da sociedade, ao passo que a linguagem da física não é a linguagem da sociedade, é somente a linguagem dos físicos. Isso quer dizer que o homem que absorveu cultura literária, ele tem os elementos lingüísticos para dialogar com a sociedade, ela lhe dá isso, e o estudo da física ou da química não lhe dará isso de maneira alguma.

Em terceiro lugar, os assuntos de que a literatura trata, são os assuntos do interesse de todo o mundo. É a vida humana, o drama humano. Todo mundo tem esse interesse. O físico também. Ao passo que o problema que o físico trata, ainda que estejam presente na vida de todas as pessoas, não fazem exatamente parte da consciência delas. Se você não souber nada de partículas subatômicas, isso não vai afetar fundamentalmente as suas decisões na vida. Mas, problemas referentes ao amor, à morte, ao ódio, à tristeza, ao casamento, às relações humanas, todo mundo tem. O assunto de que a literatura trata, é a vida de todo mundo e não a vida de um grupo especializado.

Em quarto lugar, alguma forma de literatura narrativa você encontra em todas as culturas, as mais primitivas, ao passo que outros departamentos do conhecimento, digamos como a técnica matemática mais avançada, você só encontra em algumas. Mas a cultura narrativa é onipresente. Ela sendo onipresente, podemos ver que ela é a forma primeira e mais básica de cultura. Se você pegar a tribo mais primitiva que você encontrar, eles tem alguma narrativa mítica a respeito da origem da vida. Essa narrativa não precisa corresponder à necessidade histórica. Mas como ela é repetida de geração em geração, ela dá às várias gerações um senso de orientação no tempo e um senso de orientação quanto à sua própria identidade, sua distinção das outras tribos, sua posição no espaço físico, etc. Sendo a forma mais básica de cultura, isso permanece ao longo dos tempos até hoje. Esta é a única forma de cultura que é absolutamente indispensável, esta tem de estar presente, pois se não estiver presente não existe cultura nenhuma.

Aluno: E a linguagem técnica...

A linguagem técnica é um desenvolvimento ... toda linguagem especializada é um desenvolvimento da linguagem comum, ela tem de partir sempre dos significados que estão presentes no senso comum e trabalhá-los de algum maneira. Em geral uma linguagem científica surge de discussões filosóficas que visam a precisar o sentido de determinados termos. Às vezes a resolução da coisa pode se dar sob a forma de uma convenção, ou seja, definimos que tal coisa vai significar tal coisa. Mesmo neste caso, isso surge como uma longa depuração conceitual, uma longa discussão que é feita a partir dos termos que são usados na língua corrente. Pior ainda, as acepções que são usadas na língua corrente, que são geralmente múltiplas, cada palavra tem uma multiplicidade de significados, essas acepções se filtram para dentro da linguagem das ciências e muitas ciências usam conceitos que ainda não estão perfeitamente esclarecidos e que são então devedores da linguagem comum. Claro que isso causa alguns problemas, mas o fato de que estas palavras estejam ali presentes, às vezes de tal maneira que é impossível esclarecer o seu significado ou o fato de que elas carreguem para dentro do universo científicos certas acepções valorativas que estão na linguagem comum, isto é um fato que nós não podemos negar. Por exemplo, a teoria da evolução, a palavra evolução subentende uma mudança para melhor. Isto não é um conceito científico, a mudança para melhor não tem nada a ver com a biologia, no entanto é uma acepção da linguagem corrente que se filtra, para dentro da linguagem científica e influencia as idéias que os cientistas tem, e às vezes as torna nebulosa, às vezes confunde. Você não vai encontrar nenhuma cultura, por mais primitiva que seja, que não tenha alguma forma de narrativa, ainda que a narrativa seja totalmente imaginária, mítica. Se você não tem a capacidade da narrativa mítica, você também não terá a capacidade de organizar uma narrativa histórica. Para você contar a história dos fatos como realmente aconteceram, você precisa já ter outros esquemas narrativos prontos e estes esquemas narrativos são desenvolvidos exatamente na literatura imaginária. Por exemplo, se você vai contar uma história, você tem que tomar várias decisões quanto ao modo de você articular esta história. Quem está contando a história? Quem é o narrador? Se o narrador é uma pessoa, então ele só sabe o que uma pessoa sabe. Ele só pode contar sob o ponto de vista de um indivíduo. O indivíduo não sabe o que se passa na cabeça de outro indivíduo, ele só pode conjecturar isso desde fora. Se a narrativa for feita do ponto de vista do depoimento do indivíduo, tem uma série de eliminações, a não ser que você introduza uma incoerência ali; começo a contar desde o meu ponto de vista e de repente eu começo a raciocinar a partir daquilo que se passa na sua cabeça. Se você decide contar a história desde um ponto de vista divino, do narrador que sabe tudo, vai chegar um momento em que

you will see that you do not know everything. In the end, it is you who is writing, even if it is said that she is inspired by God, the story is not being written exactly by God, but by a human agent who has his limitations. Then the perspective of the omniscient narrator also has its deficiencies. Third, when you place characters in action, you will simply describe from outside what they are doing or you will turn them into sub-narrators? The action of each character will be narrated from the point of view of the external observer or from the point of view of the characters themselves? All these decisions you have to take to write any story. This means that if a culture does not have a long experience of narrative technique, it will not be able to develop a historical sense. If you look at all civilizations, historical narratives arise late, only after they have a long tradition of narrative literature. You observe that in certain societies there are some narrative techniques that are quite refined, they come to create a certain scheme that can later be usefully repeated by other narrators. This happens, for example, in Greek theater. Greek theater has a scheme, which is present more or less in all plays. And the scheme is that of the innocent hero, well intentioned, who falls into the net of a plot woven by the gods, and then has an unhappy fate but not because of his own fault, he did nothing wrong, and despite that he is wrong. This scheme is repeated in all Greek tragedy. This is not universal. If you take the Bible, for example, there you see that many things are wrong because people have done something wrong. Then this scheme of fate over-human, incomprehensible, and hostile, this does not exist in the Bible. Things can end badly, end well, but there is always a relationship between the fate of the person and the guilt or innocence of that person, some relationship exists. This does not mean that the person does not suffer injustice in biblical narratives. She suffers, but the injustice does not weigh on the individual as a cosmic hostility anonymous and incomprehensible. There is always a way for the person to discover a meaning behind what is happening, what does not happen in Greek theater. These various narrative forms need to be ready and at hand, so that you can tell a unique real story. In the real story you will use the same narrative scheme, with the difference that you will fill with information that you did not invent, that you received from a source, from a testimony, from a witness, or something like that. Even so, there is no human fact that you have complete documentation. Something imaginary you will have to introduce in the narrative. The first historians already see themselves in front of problems that can only be solved through resources that were created by literature of imagination. Moreover, if there are no such techniques or narrative schemes, more or less ready, no human being can reach the point of having an idea of the form of his own existence, let alone that of others, because you do not see

lembra de tudo o que lhe aconteceu, de todos os detalhes. Isso seria absolutamente impossível. Você precisa criar esquemas imaginários que se conectem com outros. Por exemplo, você percebe que certas coisas lhe aconteceram por que você fez isso, assim e assim, ou por que outras pessoas fizeram tais coisas. Então esse encadeamento de causa e efeito, essas linhas de continuidade que nós podemos observar em nossa vida, sempre requerem o uso de algum esquema tirado na literatura de imaginação. A idéia mesma de que a existência de cada indivíduo tem uma forma narrativa surge da literatura de imaginação. É por que durante milênios os narradores contaram a vida de heróis imaginários ou reais, que nós podemos encarar a nossa própria vida como uma linha de continuidade que tem um começo, meio e fim, e não apenas como uma sucessão de acontecimentos soltos. Sem essa linha de continuidade, você não tem idéia sequer da sua identidade pessoal, muito menos você pode fazer um julgamento sobre a sua própria conduta desde o ponto de vista moral. Se a narrativa não tem uma ordem, uma forma, não tem como você julgar os fatos individuais, pois cada fato tem que ser julgado dentro do seu contexto, dentro dos seus antecedentes e dentro dos seus conseqüentes. Quando se diz nos experimentos de estado similar à morte, em que o indivíduo não tem atividade cardíaca nem cerebral, e no entanto ele se lembra não só de coisas que ele viu no ambiente físico em torno, mas de coisas que teriam se passado em um outro mundo, em outro plano de realidade, a maioria narra que viu a sua vida inteira, como se fosse um quadro único, em que aparecem não só as suas ações, mas os efeitos que as ações tiveram sobre outras pessoas. Em vida, quando estamos em uma vida terrestre, não conseguimos imaginar tudo isso. Como é que vou pensar sobre a marca que as minhas ações deixaram em cada uma das pessoas com quem eu convivi? Eu não consigo fazer isso. Eu tenho que sintetizar estas coisas em um esquema simbólico, pelo qual eu possa mais ou menos me orientar. Ou seja, eu acredito mais ou menos que as minhas ações tiveram tais ou quais conseqüências, e também tiveram tais ou quais antecedentes. Como é que nós poderíamos, por exemplo, uma conduta adulta do indivíduo à sua ação infantil, se nós não podemos ter a linha de continuidade causal completa? O que fazemos então? Colamos uns pedaços aí dentro com um esquema narrativo. E nós não poderíamos fazer isso se esses esquemas narrativos não existissem e se cada novo indivíduo que vai contar a sua vida pra si mesmo e para os outros tivesse que inventar todos os esquemas narrativos, desde Homero até hoje. Um certo conjunto de esquemas narrativos está vigente em qualquer cultura. Em nossa cultura há uma multiplicidade, graças ao cinema, à televisão, internet, etc. Não se esqueça que todos esses esquemas narrativos que aparecem no cinema, no teatro, eles tem origem em esquemas mais antigos. Na verdade, o número de esquemas é limitado e se você examinar verá que o conjunto de formas de existência individual que nós conhecemos também é

limitado. Existe um estudioso canadense chamado **Herman Northrop Frye** (14 de julho, 1912 - 23 de janeiro, 1991), que pegou todas as formas narrativas do ocidente e viu que todas elas se basearam em modelos bíblicos, ou seja, em um número limitado. Sem isto, não seria possível sequer a consciência do eu. Esta consciência não é uma coisa inata no ser humano. Se você pegar as culturas mais primitivas, elas se contentam com uma narrativa muito genérica da origem da tribo, e nenhum indivíduo conta a sua vida inteira, ele conta episódios. Se você estudar as várias formas de autobiografia que existem na humanidade, você verá que a primeira autobiografia no sentido moderno, ou seja, do indivíduo que conta a sua formação interior e seus dramas interiores, é a biografia de Santo Agostinho, no século IV; antes disso, ninguém foi capaz de fazer isto. Em Roma, você encontra autobiografias funcionais, onde o indivíduo conta a sua carreira política ou militar, por exemplo. Mas a formação pessoal, os dramas interiores, não entram nisso. Não por que os indivíduos não os tivesse, mas por que não tinha o esquema narrativo para contar. Isto quer dizer que a literatura de ficção é um elemento básico da autoconsciência do ser humano. Ora, nós vimos, ao definir o que é um homem culto, que é aquele que pode participar utilmente dos debates do seu tempo, por que o conjunto de informações sobre as idéias circulantes está integrado na sua autoconsciência de algum modo, então ele pode falar responsabilmente pois sabe o que as coisas significam para ele. É por isso que eu digo que o homem que tenha muita cultura literária é um homem culto, e um homem que tenha muita cultura científica não é. É a literatura que integra na linguagem comum os vários elementos de conhecimento que considerados em si mesmos, não tem significado. Se você considerar, por exemplo, que você saiba muita medicina e concluir que fulano de tal tem que ser operado. A decisão de operá-lo ou não pode ser uma decisão exclusivamente médica? É impossível. Em primeiro lugar por que o paciente também tem uma vontade própria, pode querer ou não querer. Para você saber se ele vai querer, não é possível fazer isto por meios médicos. Ele tem que falar. Além disso ele tem uma família, e estas pessoas podem ter a sua opinião. Mais ainda, a operação que você deseja realizar ela pode ter algum conceito público. Pode ser que a sociedade a considere confiável ou pouco confiável, e assim por diante. Ou seja, você tem uma série conceitos culturais, sociológicos, morais, que terão que ser considerados, queira você ou não. A ciência médica não está habilitada a tomar todas as decisões. Por que é assim? A medicina não é necessariamente uma ciência. É uma técnica que se constitui de vários elementos científicos mais ou menos articulados, mas em princípio uma ciência só existe na medida em que você consegue um recorte sob certos aspectos, da realidade. Eles são tirados abstrativamente do conjunto, e os quais você recorta por que acha que eventualmente podem ser explicados por determinados princípios hipotéticos que

você tem na cabeça. É o princípio hipotético que determina o recorte, e o recorte é feito em vista de confirmar o princípio hipotético. Quer dizer que tudo o que uma ciência faz, se desenrola dentro de um domínio fechado, que é determinado por uma hipótese, ou conjunto de hipóteses. Embora exista uma coerência entre o recorte operado nos fatos e a hipótese que determinou o recorte, mesmo assim ainda não dá certo. Isso quer dizer que a relevância cognitiva de uma ciência para o conjunto da vida humana é sempre um negócio altamente problemático. O fato de uma ciência ter provado isto ou aquilo não significa que isso será imediatamente integrado na cultura geral como uma crença universalmente aceita. Existe um hiato enorme entre as convicções de um grupo científico e as convicções da sociedade como um todo. Mais ainda, a própria ciência não é capaz de lidar com isto. A significação sócio-cultural, por exemplo, da física, não pode ser estudada desde o ponto de vista da física. Ou seja, sem uma cultura mais geral, na qual a arte literária entra como componente fundamental, o sujeito não pode saber sequer qual é o lugar que a ciência dele ocupa na sociedade. Ele não tem como entender o que está fazendo.

Aluno: É o que acontece via de regra hoje com a ciência moderna...

O que não é cultura de maneira alguma. Cultura é só quando você tem uma abertura da sua consciência pessoal para a sociedade que você está vivendo e você compreende o que as outras pessoas estão pensando e o que elas estão discutindo. Isto você pode adquirir por meio da literatura, mas você não pode adquirir por meio da física, da química ou da matemática. Essas várias ciências são apenas fornecedoras de elementos para o debate geral, mas elas nada tem a opinar sobre o debate geral. Elas não tem jurisdição sobre o debate geral. Na verdade, se você pensar bem, ninguém tem. Mas é certo que o debate geral se expressa na linguagem geral que é a própria matéria da literatura. A literatura também não vai te dar os critérios para você decidir os debates gerais, mas ao contrário, ela cria o debate geral, cria a possibilidade do debate geral. Isto nos mostra por que, desde que o mundo é mundo, a base da educação sempre foi a literatura, e sempre será.

Aluno: A literatura teria algum substitutivo: filmes, mídia...?

Não. Uma diferença brutal que a gente vê entre o ensino no Brasil e nos Estados Unidos, é que no Brasil as pessoas tem uma espécie de idealização de ciência e matemática. Então ensina a matemática em volumes impressionantes. Quando eu cheguei aqui nos EUA, você que a matemática que eles ensinam aqui na escola secundária é elementar em relação àquela que ensinam no Brasil. Mas a parte literária é monstruosamente mais forte. Eles ensinam as pessoas a ler, escrever e falar, e portanto compreender a linguagem geral. Isso é evidentemente muito mais

importante que aprender matemática, pois você pode aprendê-la sozinho. Mas isto você não pode aprender sozinho. O indivíduo com três livros de matemática ele pode aprender sozinho, mas a linguagem geral depende que ele ouça centenas de pessoas, depende de que participe, ele não pode fazer isso sozinho, não pode inventar isto, não pode se fechar dentro de um quarto ler um livro e saber isso. Ele tem que saber o que as pessoas estão falando, e tem que aprender a distinguir as várias linguagens, dos vários grupos sociais, as várias acepções em que as palavras são usadas, os distintos valores que as pessoas têm. Tudo isto o que é? Tudo isto é literatura.

Aluno: A experiência literária em si, sozinha... longe da experiência...

Ela não existe sem a experiência.

Aluno: sem a experiência da pessoa que está absorvendo...

Se você pegar um livro de física, ele só estuda aquilo que foi delimitado abstratamente, e até convencionalmente, dentro do campo físico. O que ele estuda não é a realidade na qual as pessoas vivem, mas um aspecto que só existe para a ciência física. Na literatura isto não pode acontecer. Não existe um aspecto da realidade seletivamente escolhido para fazer parte da literatura. A literatura abrange todo o campo da experiência humana. Mais ainda. E se a pessoa não tiver a experiência pessoal, tiver apenas a experiência imaginativa através da literatura? Serve! Por que? Por que sempre, em qualquer circunstância, a nossa experiência pessoal é muito limitada. Noventa e nove por cento da experiência que nós usamos para pensar, nos orientar e tirar conclusões é a experiência delegada, experiência de outros. Que você sabe através do testemunho deles, ou seja, você sabe através da literatura. Então quer dizer que a imersão do indivíduo na experiência literária, abre a alma dele para todo o campo da experiência humana, ainda que pessoalmente ele tenha muito pouca experiência.

Aluno: Ele consegue se colocar no campo de experiência das outras pessoas...

Claro, se nós não tivéssemos essa capacidade imaginativa, de nos colocar do ponto de vista de outros, nós não entenderíamos absolutamente nada. E é justamente esta capacidade que a literatura aprimora, através dos esquemas narrativos. O indivíduo com vasta cultura literária, mesmo que tenha pouca experiência pessoal, vamos supor que seja um caipira, que vive numa cidade pequena, longe de todo mundo, tem pouco amigos, é um sujeito tímido, não tem sequer uma namorada. Mesmo assim, imaginativamente ele pode ter todas as experiências do mundo. Isso quer dizer que a sua falta de experiência pode limitar a sua vida pessoal, mas não a sua compreensão do universo sócio-cultural como um todo. A sua experiência pessoal

só vale para o ambiente em que você está. A falta dela, pode limitar a sua ação no ambiente imediato em que você está. Mas a sua participação na cultura mais geral, não depende disso. A falta de experiência interior, aí sim é terrível. A falta de experiência imaginativa limita o indivíduo sob todos os aspectos.

Aluno: Limita a circunstância pessoal dele...

Claro, ele fica preso à sua circunstância pessoal.

Aluno: E sem a base, ele não vai conseguir interpretar a própria experiência pessoal.

Mas sem dúvida, como ele não tem um quociente de comparação, a própria experiência pessoal pode se tornar incompreensível para ele. Todo esse processo de absorção das informações humanas que você tem no seu ambiente, tudo isso depende de esquemas narrativos. E depende também do uso da linguagem, da sua capacidade de raciocínio analógico, de você associar uma coisa à outra, numa espécie de síntese de semelhança e diferença. É pra isso que existe a arte poética, a arte narrativa, é pra esse fim, sobretudo para o domínio da linguagem. Uma vez perguntei ao Bruno Tolentino o que era poesia. Ele disse que poesia é uma maneira memorável de dizer. O sujeito diz uma coisa de uma maneira tão notável que aquilo merece se integrar na linguagem comum. Ninguém vai conseguir dizer aquilo melhor. Então aquele aspecto da experiência fica, por assim dizer, imortalizado naquela fórmula. Se você pega um verso de Camões — *transforma-se o amador na coisa amada* — não tem outra maneira de dizer isso, pois é exatamente assim. Sempre que isto acontecer, você pode perceber o que está acontecendo por que você lembra o verso do Camões. Não que isso não acontecesse antes, é claro que acontecia, mas talvez não fosse tão claramente conscientizado. Então aquele que tem mil versos na cabeça, ele tem mil maneiras de compreender o que quer que aconteça.

Aluno: Você está falando de imaginação, o segundo verso diz “por virtude do muito imaginar”...

Exatamente — *transforma-se o amado na coisa amada, por virtude do muito imaginar*. A sua capacidade inclusive de se identificar com as outras pessoas depende da sua imaginação. Se a imaginação é pobre, se os elementos são poucos, os pontos de comparação também são muito simples e esquemáticos. Quanto mais pontos de comparação você tem, mais rica se torna a sua percepção da experiência. Justamente por que a nossa experiência é noventa e nove por cento imaginária. Um homem que não tem cultura está preso à sua experiência concreta, pessoal, imediata. Aquilo não tem para ele outras camadas de significação pelas quais ele possa integrar nele a experiência de outras pessoas. Cultura é basicamente literatura, o resto, inclusive a

filosofia, são desenvolvimentos posteriores que dependem desse. Se você encarar a coisa do ponto de vista da teoria dos quatro discursos, você verá que isto é ainda mais fatalmente assim. Aristóteles explica como a nossa inteligência opera sobre os dados dos sentidos. Eu não posso pensar coisas físicas diretamente, por que para pensá-las eu precisaria integrar estas coisas físicas na minha própria pessoa, e eu não posso fazer isso. O que eu apreendo das coisas físicas? Eu apreendo a forma inteligível das coisas. O olho uma maçã e sei que é uma maçã. O que eu absorvi da maçã? O gosto dela? Não. O formato físico dela? Não. Só aquele aspecto dela que é inteligível. Eu sei que é uma maçã. Eu sou capaz de identificá-la. O que eu conservei em mim, dela, foi só a forma inteligível que é a mesma de qualquer outra maçã. Como se conserva esta forma inteligível? Primeiro você vê a coisa, recebe então a informação sensorial. Desta informação sensorial, e são milhares de informações sensoriais, o que sobra na sua mente? Você se lembra de todas as informações sensoriais? Não. Você guarda um esquema, — que ele chama *fantasma* — você tem então uma imagem esquemática, de uma maçã, de uma vaca, de uma árvore, um ser humano, etc. É deste fantasma que você extrai o conteúdo inteligível, e então você joga fora o fantasma e fica só com o conteúdo inteligível. Quem é que forma o fantasma? A fantasia. Fantasma é o ato da fantasia, o produto da fantasia. Primeiro você tem a percepção sensorial, depois você os fantasmas ou imagens, que são gravados na memória, e destas imagens então a inteligência extrai a forma inteligível que é o resumo do resumo. De modo que você, para saber o que é uma vaca, não precisa ter na memória todas as imagens das vacas que você viu, você guarda a forma inteligível. O que é um conceito? É uma expressão verbal de uma forma inteligível, não é a forma inteligível. A forma inteligível só existe para a sua inteligência. Quando você expressa um conceito — por exemplo, uma vaca é isso e mais isso — você está criando um esquema verbal que expressa a forma inteligível tal como você a apreendeu. Isto quer dizer que o primeiro trabalho da inteligência é um trabalho de imaginação. A percepção todo mundo tem, é mais ou menos igual para todo mundo. Mas o trabalho da imaginação não é o mesmo em todas as pessoas. Diante de qualquer fato, qualquer experiência, qual é a primeira modalidade de conhecimento que você tem? É o conhecimento poético, é uma forma narrativa e descritiva. Ela não é exata, não tem grau de certeza, é apenas uma impressão pessoal e você a expressa em palavras. O que é isso? Discurso poético! Eu posso então definir a poesia em literatura geral, como expressão de impressões. Quando você conta algo que viu na rua, algo que lhe aconteceu, por exemplo, um menino veio e tacou uma pedra na minha cabeça. O que está fazendo? Ele está expressando uma impressão. O modo como ele expressa isso pode ser totalmente subjetivo, pode ser distorcido em relação à narrativa que o outro faria, o outro poderia dizer que não jogou a pedra, que ela caiu da sua mão na cabeça dele. A

impressão que o outro teve foi que o outro jogou a pedra. Esta expressão de impressões é a primeira modalidade do conhecimento, e é em cima dessa que se elaboram todas as outras, de modo que, se não tiver essa, não tem nada depois. Inclusive a nossa compreensão do mundo físico, toda ela começa assim. Alguém conta algo que viu. A ciência começa a evoluir a partir de coisas que as pessoas contam. Por exemplo, os livros de geografia surgiram de livros de viagens, as pessoas contavam como eram as distintas paisagens que viram. E mais ainda, isso não é só assim historicamente. Cada pessoa que nasce ela começa pelo discurso poético também. É o primeiro que você aprende, e é em cima desse que pode se desenvolver os outros. Aristóteles dizia que a inteligência humana não consegue operar diretamente sobre os dados dos sentidos. Ela só opera sobre as imagens que se conservam na memória e fantasia. Tudo o que você vai saber depois depende do que está em sua memória e fantasia.

Aluno: Mas o que está na memória e na fantasia não poderia ser absorvido, de certa forma, por outro meio que não o escrito. Por exemplo, áudio, vídeo, cinema, teatro?

É claro, a literatura surge como literatura oral. Acontece que é o escrito que permite a fixação e repetição. A narrativa oral, que passa de geração em geração, você não pode garantir a precisão dela. Depois de mil gerações você não pode garantir se a história que estão contando ainda é a primeira que contavam antes. Isso significa que uma certa orientação no tempo só se torna possível a partir do escrito. É por isso que a arte da autobiografia, você contar a sua vida, isso aí só foi possível depois de milênios em literatura escrita. Tudo isso é difícil, é uma longa conquista da humanidade. E isso tudo pode se perder em uma geração, como no Brasil se perdeu. As pessoas hoje não sabem contar para elas mesmo o que aconteceu. As narrativas são muito toscas. O escrito é fundamental não só por causa deste elemento de memória, mas por causa de uma profundidade extra que você adquire com a língua não falada. Quando você lê, é com velocidade maior com a que poderia falar. Você fala aproximadamente vinte linhas por minuto. Lendo, você pode ler cem, cento e cinquenta. Então isso quer dizer que você aprende uma outra profundidade da linguagem que a fala não tem, que é a língua meramente pensada, é uma língua um pouco mais abstrata que a língua falada. Como a velocidade de absorção aumenta, também aumenta muito a sua capacidade de fazer ligações de umas coisas com as outras, mais do que você conseguiria falar. A escrita, a absorção de língua escrita aumenta a dimensão do universo interior das pessoas, permite inclusive o enriquecimento da alma, que é algo fantástico. O universo se personaliza muito mais. Se você só tem a língua falada, você está muito dependente do seu meio. No universo escrito você cria um universo pessoal que na verdade é incomunicável, ele transcende o que você pode comunicar, mas que para você

existe. Imagine, por exemplo, se eu tivesse que falar tudo aquilo que eu obtive dos livros que eu li durante a minha vida, cinqüenta anos de leitura, não é possível isto. No entanto, eu tenho isto de algum modo, tudo isso permaneceu dentro de mim, faz parte do meu mundo interior. Isso só foi possível com a escrita. Se você pegar, por exemplo, a memória visual, você não pode guardar na memória visual tantos elementos quanto o que você absorve da escrita, mesmo por que nem tudo é representando visualmente. Por exemplo, existem certos estados emocionais sutis que você pode nomear, cujo equivalente visual você não tem. Quando começaram a arte do cinema tinha isto: o cinema só pode mostrar o que é visível. O invisível não existe no cinema. Você tem que criar equivalentes visuais de estados invisíveis. Você faz isto até uma certa medida. Quando veio depois o cinema falado, a linguagem então deu um suporte à imagem, mas ainda assim é a linguagem falada. Você pode pegar qualquer peça de Shakespeare, pegue o Rei Lear. Houve várias versões cinematográficas do Rei Lear e nenhuma delas se compara com o próprio Rei Lear, nem poderia.

Aluno: Existe uma dificuldade material...

Se você perguntar qual é o melhor filme de todos os tempos? Compare o melhor filme com a melhor peça de teatro. Peça é melhor. Por que? Por que é língua escrita. Ademais, você lendo as encenações imaginárias que você faz da peça enquanto você lê são muito melhores que qualquer encenação que você possa fazer. O suporte da peça é sua estrutura verbal e não sua encenação. A encenação é sempre uma versão dentre inumeráveis outras possíveis e implícitas na peça. Se você pegar o Rei Lear, todas as encenações e reproduções cinematográficas possíveis estão nela. A língua escrita tem isso, ela abre para um mundo imaginário que não tem limites. Outra coisa, você pode ler o Rei Lear inteiro sem criar imagens visuais correspondentes, ou criando. Pode ler das duas maneiras, a peça funciona das duas maneiras. Mas se você criou uma versão cinematográfica ou uma encenação determinada, ela não tem em si as outras encenações possíveis, ela só tem ela. De certo modo ela limita a compreensão que você pode ter da peça àquela versão específica. Você só livra disso vendo várias versões, mas todas elas estavam no texto originário. Você assistir uma versão cinematográfica de Guerra e Paz, não é a mesma coisa que você ler Guerra e Paz. Você pode fazer esta experiência. Pode acontecer também de você ler um filme ruim, mas assiste o filme que é bom. Isso aconteceu no filme *O silêncio dos inocentes*. Isto significa que o filme é uma obra autônoma. O sujeito tirou apenas uma sugestão do livro, e o resto ele inventou.

Aluno: Mas isso não é regra...

Isso não é regra evidentemente.

Aluno: Geralmente é o contrário...

Geralmente é o contrário, o filme fica muito abaixo do livro. Isso só é possível em um livro ruim. Você não vai pegar uma obra prima da literatura e fazer um filme melhor. Isso nunca aconteceu. Agora se você pegar um livro ruim, você aproveita muito pouco dali. Então é mais uma livre criação a partir de uma sugestão, mas o sujeito podia criar um filme a partir de qualquer sugestão, coisa que ele ouviu, acontecimento que ele viveu, qualquer coisa, contaram algo pra ele. Então não é propriamente uma adaptação do livro, não é uma versão cinematográfica do livro, é uma outra história. Esta é a base do negócio. Não há como escapar da coisa. Existe não só a literatura de ficção ou seja, literatura imaginativa — romance, conto, poesia épica, teatro, contos, etc. — mas também os estudos literários, que é a reflexão sobre isto. Este é um dos gêneros mais antigos, Aristóteles foi um dos primeiros críticos literários no livro *A Poética*. Esta reflexão que ele faz é a base de tudo o que ele escreveu depois. Eu acredito que os quatro discursos são a base de tudo o que Aristóteles fez. E a primeira especulação dele, a primeira e a mais básica, é sobre a poética. Ele pega aquela massa de tradições cênica que existia ali, e tenta explicar como aquilo se tornou uma representação eficaz da vida humana e por que se tornou. Não tem escapatória. Entre a literatura científica e a literatura imaginativa, a literária é imprescindível, a outra é útil para certas circunstâncias. Mesmo assim, se você perguntar: o que se aproveita do século XVIII hoje? Quase nada! Quase tudo substituível, quase tudo jogado fora. O que se aproveita da literatura? Tudo! A contribuição da ciência é uma coisa momentânea, superável, ela simplesmente fornece subsídios, mais nada. E esses subsídios, se tem utilidade, tem durante algum tempo, e depois não serve mais.

Aluno: Mas isso pela quebra de laço da ciência com...

A cultura! E também pela própria auto-superação da ciência. A ciência é algo experimental, então ela está continuamente se corrigindo, e ela só vale na última versão. Por exemplo, para você entender uma teoria científica hoje você precisa compreender todas as anteriores? Não. A teoria vale para aquele momento. Se você tiver que absorver as teorias anteriores, você já não está fazendo aquela ciência, está fazendo história da ciência. A compreensão histórica de uma ciência não faz parte daquela ciência. A física não tem nenhum instrumento pelo qual você possa entender a evolução histórica da física. A evolução histórica da física tem que ser obtida por meio de orientação e pesquisa historiográfica. E faz parte do que? Da cultura literária. Sem a cultura literária o indivíduo não entende nem mesmo a ciência que ele está praticando. Ciência não é cultura de maneira alguma. E na verdade, os elementos de ciência que elas estão recebendo hoje estão impedindo

que elas adquiram cultura. Por que esses elementos dão muito trabalho, comem tempo, e seriam mais facilmente absorvidos por uma pessoa de cultura literária, mais tarde.

Aluno: O senhor acha que está havendo uma substituição da cultura literária pelo cientificismo?

Claro!

Aluno: Isso já está estourando?

No meu caso, eu tive um problema com o ensino da matemática, quando eu tinha quinze anos. O problema foi o seguinte: estava indo tudo bem, eu estava aprendendo certinho, enquanto estava ensinando a aritmética, a álgebra. Quando quiseram me ensinar a geometria teve um problema. O professor disse que um ponto não media nada e que uma reta se compunha de pontos. Eu perguntei: como algo pode se compor de vários nada? E ele não soube responder, e disse: — Isto aqui é intuitivo. Como intuitivo se eu não estou intuindo nada? A partir deste momento, o restante do ensino de geometria era apenas uma exigência disciplinar, e não um desenvolvimento intelectual. Era você aprender a ter certas condutas, aprender a fazer certas coisas, agir de certa maneira perante certos problemas, e não uma compreensão intelectual do que estava se passando. Eu voltei a pensar neste assunto muito tempo depois, quando eu tinha trinta e alguns anos. E somente aí eu pude voltar a estudar matemática. Eu resolvi o problema do ponto, está lá em um escrito meu que chama *Questões de simbolismo geométrico*. Eu expliquei qual o sentido intelectual da noção de ponto, e a partir dali a noção de ponto significava algo para mim. Eu explicava que o ponto, não era uma construção intuitiva, mas uma construção intelectual altamente complexa, obtida através de abstrações que você faz através da noção de espaço, e esta sim é intuitiva. A partir daí liberou. Muitas coisas eu não consegui aprender quando era jovem, por que não tinha a consistência intelectual devida. E a minha forma da minha mente era essa: se eu não entendo eu não vou para dentro. A mera coisa disciplinar, exigência disciplinar, no meu cérebro é totalmente antagônico. Se você quer que eu continue fazendo uma coisa que eu não estou entendendo, você precisa me dar muito boas razões. Quanto você vai me pagar pra fazer isso? Nada? Vou só obter uma nota no fim do ano? Isso é muito pouco, isso não me motiva. Fora disso, eu acho que estou aqui na escola para aprender, para desenvolver minha inteligência e não para adquirir condutas que você vai simplesmente premiar no fim do ano, pois este é um ritual absurdo. Se houvesse um sistema de ensino decente, o aluno que levanta esta pergunta mereceria toda a atenção, e merece que o professor gaste um tempo com ele, até tornar aquilo inteligível, mas o professor também não sabia. Este é um

imbecil que está me forçando a fazer uma coisa, só pra ele me dar uma nota no fim do ano. Evidentemente é uma palhaçada.

Aluno: Isto gera um trauma nas pessoas. As pessoas depois nunca mais querem voltar a...

Elas perdem o desejo de entender, elas aprendem a repetir a conduta que lhes foi imposta e a não fazer perguntas. E se tornam imbecis. Tanto que se eu pego os alunos da minha geração, na minha escola, o que saiu dali? A única pessoa relevante sou eu. Por que eu era o único que queria aprender, os outros queriam apenas assimilar a conduta para ser aprovados. E eu, não por ser um espírito rebelde, que eu nunca fui, mas apenas por que eu queria entender. A minha exigência intelectual era legítima e a imposição de conduta não é legítima. Quando eu descobri a explicação do ponto, mas eu só descobri depois de estudar Platão, ao estudar a geração dos sólidos geométricos, e tirei daí a solução do problema do ponto. Então eu estava liberado para estudar matemática sem que aquilo me fizesse mal. Por que a imposição de condutas ininteligíveis cria um mau hábito, que é o hábito da mera imitação ininteligente. Isto serve para fomentar o espírito grupal, a disciplina para fazer um cidadãozinho bom e comportado e não para fazer um homem de ciência, para fazer um filósofo, um erudito, nada, nada. E eu estava estudando na escola que era considerada a melhor do Estado. Eu tive várias outras experiências desse sentido, em que eu percebi que a Escola não tinha exatamente nada a ver com conhecimento, e que ela era no fim das contas uma instituição criminosa.

Aluno: caça níqueis e caça votos...

Aluno: é curioso que a alta literatura nunca entra no conteúdo escolástico...

Esta é uma outra experiência que eu tive na escola. A professora de português estava nos dando para ler, aqueles livros consagrados da literatura brasileira. Dentre outras coisas, *A moreninha* (Joaquim Manuel de Macedo, *A Moreninha*, 1844). Eu li até a página quinze e disse:

— Isto aqui é uma bobagem. É uma estupidez. Uma coisa de uma futilidade monstruosa. Por que eu tenho que ler isso?

E eu reclamei com a professora:

— A senhora pode me dar zero, mas eu não quero ler isso aí.

— O que você quer ler?

— Eu quero ler Shakespeare, Goethe, alguma coisa que diga algo de importante.

Agora eu me preocupar com esse problema... Por exemplo, eu havia lido Werther (*O sofrimento do Jovem Werther*, 1774), do Goethe, que também é uma história de amor, só que ela adquire uma significação imensa. Ali se coloca todo o problema da moralidade, do ciúme, etc. É outro nível. O Werther é interessante mas isso aqui — *A moreninha* — não é interessante. É história de namoricos idiotas.

— A senhora quer me deseducar?

E no fim ela concordou e disse que eu tinha toda razão. E pior, me deu uma biografia do Goethe de presente.

Aluno: Olavo, eu tenho uma..., não sei se isso pode ser considerado uma pergunta pois você já comentou isso várias vezes, em diversas situações mas, a literatura ela também constitui, a alta literatura de um povo ela também vai dar uma personalidade para aquele povo. E no caso, a literatura brasileira, da A moreninha, até o que a gente pode considerar de melhor, já que existem coisas grandes na literatura brasileira, mas no resto do mundo tem coisa muito maior ou eu estou exagerando?

A literatura brasileira é doente. Em primeiro lugar por que a experiência humana que está colocada nessa literatura é miserável. É uma experiência mesquinha, limitada, que não está aberta para nada de importante. É uma história de mesquinhas. Então, se é um mundo de experiências mesquinhas, esse mundo só pode ser retratado de uma maneira. Pode ser retratado de cima, como se fosse um Deus contando a história de formigas, que é o que Machado de Assis faz. Você tem um homem que é imensamente superior ao seu meio, um homem que tem uma visão universal das coisas, e que olha aquela cultura limitada, mesquinha, deprimente, de longe, e com uma certa piedade irônica. Machado de Assis na melhor das hipóteses tem dó dos seus personagens, por que são uns coitados, todos uns coitados. O único personagem de maior envergadura moral, intelectual, no Machado de Assis é o conselheiro Aires. Ele é um diplomata que passa quase todo o seu tempo no exterior, e que quando está no Brasil ele se limita a observar as coisas de longe e anotá-las sem dar muito palpite. Quer dizer, o único personagem bom é um mero observador, o resto não vale nada.

Aluno: As virtudes humanas...

As virtudes estão completamente ausentes. Por exemplo, para aparecer exemplos de alta virtude na literatura brasileira, só aparece, eu acho, com José Geraldo Vieira, que tem alguns personagens que tem grandeza. Mas estes personagens são internacionais, por assim dizer. São pessoas que eventualmente nasceram no Brasil ou em Portugal, mas que estão passando por experiências que são vividas no exterior, em outros lugares, e que transcendem o meio. Por isso mesmo, muitos

críticos acharam que o José Geraldo não era um escritor brasileiro. De certo modo não é. Pode-se dizer que é um escritor português. Mas isto não é um defeito do José Geraldo, é um defeito da cultura brasileira. Quando você vê os temas todos da literatura brasileira, são em geral mesquinhos. Quando adquirem uma significação maior é por que entra o elemento religioso, nominalmente religioso. Por exemplo, no Otavio de Faria (Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1908 — Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1980), o drama da moral cristã no mundo corrupto, etc. Aí já se adquire uma certa formação, mas é formalmente religiosa, não é uma coisa que tem uma dimensão metafísica por si mesma. Ela tem a dimensão mais moral do que metafísica. Quando você lê, por exemplo, Graciliano Ramos (Quebrangulo, Alagoas, 27 de outubro de 1892 — Rio de Janeiro, 20 de março de 1953). Qual é o momento mais importante da carreira literária do Graciliano Ramos? É a morte de uma cachorra. A página mais bela é a que retrata uma cachorra morrendo. E os personagens são tão coitadinhos. Quando a literatura brasileira quer criar um modelo de sujeito mau, qual é o mais mau que eles conseguiram fazer? É o personagem também do Graciliano Ramos, no livro *São Bernardo* (1934), um fazendeiro, Paulo Onório, simplesmente um homem que quis ficar rico e não exitava em matar, roubar, etc. Ele não chega a ser tão mal assim. Você não tem um personagem demoníaco, nem angélico, na literatura brasileira. Eu imaginei este livro que eu acabei de ler do Hubert Selby Junior (23 de Julho de 1928 – 26 de Abril de 2004), *The Demon* (1976) que é a história de uma possessão demoníaca. O diabo não aparece como personagem mas ele está lá o tempo todo, você sente aquilo, você sente medo. Você vê o personagem se afundando no mal, ele tenta sair e não consegue. Não tem isto na literatura brasileira, não tem nada parecido com isto. É uma literatura de natureza mesquinhante. O que não quer dizer que não haja bons escritores. Há excelente escritores. É o tipo de experiência humana que está ali que é pobre.

Aluno: Mas não tem mais tantos escritores bons como antigamente...

Agora não tem mais nada. Os escritores bons acabaram. O Brasil criou um gênero literário, que é a crônica. O que é a crônica? É um momento poético no cotidiano. O sujeito está passeando na praia, vê umas palmeiras, vê umas garotas de biquine, registra aquele momento. É um gênero lírico de certo modo, mas que são coisinhas do cotidiano que pareceram belas sob certos aspectos, num momento. A lírica é essencialmente isto: a fixação de um momento. O Brasil criou a crônica. Você pode ler grandes cronistas brasileiros: Rubem Braga (Cachoeiro de Itapemirim, ES, 12 de janeiro de 1913 — Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1990); Paulo Mendes Campos (Belo Horizonte, MG, 28 de fevereiro de 1922 — Rio de Janeiro, 1 de julho de 1991), Fernando Sabino (Belo Horizonte, MG, 12 de outubro de 1923 —

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2004), Carlos Drummond de Andrade (Itaboraí, MG, 31 de outubro de 1902 — Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1987). Hoje em dia você não tem um cronista capaz de fazer isso. O Rubem Braga produzia momentos líricos um atrás do outro. Antonio Maria... Eram poetas do cotidiano. Hoje não tem nem isto. É um gênero provinciano, pequeno, mas é um gênero caracteristicamente brasileiro.

Aluno: Querida que você falasse um pouco sobre a poesia brasileira e fizesse uma comparação entre a literatura brasileira e a literatura portuguesa e mais, para os alunos recentes, que estão chegando recentemente... ontem você estava comentando que vale a pena ler um autor na língua que ele escreveu e evitar começar por ler traduções. Então, se você tem, por exemplo, alunos novos, o que você recomenda?

No caso, para ler grandes literaturas ele vai ter que aprender outra língua ou vai ter que ler tradução. Alguns vão estar sempre condenados a ler tradução. O sujeito dificilmente vai aprender russo para ler Dostoiévski¹ e Tolstói². A apreensão que nós temos desses autores sempre será deficiente até um certo ponto. Você não pegar as sutilezas linguísticas de um ou de outro. Felizmente consta que a linguagem de Dostoiévski não é lá essas coisas, não é tão primorosa assim. É como Balzac³, que você pode ler em uma tradução e você não perde grande coisa, por sinal a melhor edição de Balzac do mundo foi feita aqui no Brasil, pela antiga Editora Globo, pelo Paulo Rónai⁴.

A poesia brasileira tem muitos momentos memoráveis, mas a poesia é essencialmente a lírica, ou seja, são reações da alma de um sujeito, que a partir da experiência humana limitada de um sujeito, se pode tirar muita coisa. O que interessa não é conteúdo da experiência e sim a ressonância que ele teve dentro dele. Quando você vê o Manuel Bandeira escrevendo sobre o porquinho da índia que ele tinha quando era pequeno, se abre ali uma espécie de emoção universal. A poesia lírica não precisa tratar de grandes assuntos. Ela trata de pequenos assuntos, pois o que a caracteriza é a riqueza da reação pessoal, o que o sujeito vivenciou, e não o que estava acontecendo. Na poesia lírica o brasileiro tem muita coisa boa, por que isso não depende da cultura geral que esteja disseminada na sociedade. Depende de você ter indivíduos sensíveis e literariamente preparados para fazer isto. E isso tinha, sempre teve. No romance, no teatro, você precisa de algo mais.

¹ Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (Moscou, Rússia, 11 de Setembro de 1828 — São Petersburgo, Rússia, 09 de Fevereiro de 1881).

² Liev Tolstói (Yasnaya Polyana, 9 de setembro de 1828 — Astapovo, 20 de novembro de 1910).

³ Honoré de Balzac (Tours, no departamento francês de Indre-et-Loire, 20 de maio de 1799 — Paris, 18 de agosto de 1850).

⁴ Paulo Rónai (Budapeste, 13 de abril de 1907 — Nova Friburgo, 1 de dezembro de 1992).

Você está tratando da experiência coletiva, não é só a sua alma que está ali, é a alma de várias pessoas, então você depende de ter uma experiência significativa para você contar. Por exemplo, se você pegar todos os movimentos políticos no Brasil, José Montero escreveu um livro, *Revoluções de Areia*, que é a história das revoluções brasileiras. Todos esses movimentos foram coisas epidérmicas e de momento, nada tinha muita profundidade, era tudo coisa que passa com o vento. A idéia de contar tudo isto em um personagem que passa por tudo isso, o que sobra é mais personagens, os acontecimentos não sendo tão importantes assim. Não é como o indivíduo que participou da Revolução Russa ou da Segunda Guerra que são acontecimentos que tem uma importância universal. Se você perguntar: qual é a marca que a Segunda Guerra deixou na literatura brasileira? Tem um romance relativamente bom do José Geraldo, *O Albatroz*, não é o melhor livro dele, e tem as conversas sobre a Segunda Guerra, no livro do Marques Rebelo. É um livro sobre o cotidiano carioca, mas no qual você vê os reflexos da guerra na Europa aparecendo nas conversas e isso foi tudo.

Aluno: E com relação a Brasil e Portugal...

Em Portugal a coisa é diferente. Se você pegar o romance português do século XIX, são duas pessoas: Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz. O Camilo é essencialmente um metafísico, um indivíduo que está preocupado com a vida após a morte, Deus, o pecado, o sentido da vida. É um homem que sempre tem profundidade. Sempre! Tudo o que o Camilo escreveu tem um impacto enorme. A produção dele é muito irregular, tem grandes obras e tem grandes porcarias também. Ele escrevia muito, e muito rápido. Mas tem coisas absolutamente fundamentais. O Eça de Queiroz como se fosse um autor brasileiro, tratando de mesquinhas da cultura portuguesa, da sociedade portuguesa. O padre comeu a menininha, o outro que faz uma negociata para subir na vida. Não passa daquela epiderme da vida social, não tem profundidade, os personagens são mostrados horizontalmente, só na sua conduta social. Mas depois, no *Os Maias*, ele já dá um salto. A história do *Os Maias*, é a história de uma relação incestuosa, já com uma profundidade pelo menos moral. Mas é só um livro do Eça de Queiroz que tem isso. A literatura portuguesa teve a sorte ou o azar de começar com o maior de todos que foi Camões. Ele é um poeta universal onde todos os temas da vida humana estão lá. Se você começa assim depois é difícil você repetir. Quando você pega um caso análogo, Shakespeare, já não é um análogo, pois na época dele havia uma multidão de autores notáveis, inclusive no teatro. Shakespeare não é um caso isolado como Camões. Em Portugal você não tem nada que se compare com Camões, mas na Inglaterra você tem. Outros autores não tão ricos assim mas de

igual profundidade na mesma época. Por exemplo, a formação literária no Brasil não pode se constituir só de coisas líricas escritas em português. Não é possível isto.

Aluno: Que conselho o senhor daria para as pessoas que estão começando agora, incluindo autores?

A primeira coisa é a seguinte, no Brasil toda hora você vê campanhas visando desenvolver o gosto pela leitura. Estão tentando aproximar as grandes obras da literatura das preocupações mesquinhas e idiotas da juventude. Isto é o pior que você pode fazer. Você não pode rebaixar a grande literatura a uma coisa que vai ser do interesse de um adolescente brasileiro, em função da vida que ele leva e da concepção que ele tem. Você tem que fazer o contrário. A grande literatura tem que ser uma ruptura, e uma abertura para dimensões que transcendem a sua vida atual. Não tem que desenvolver o gosto, tem que mandar o sujeito ler.

— Mas por que eu vou ler?

— Lê ae e fica quieto!

E se o sujeito não entender na primeira, você tem que continuar insistindo para o sujeito ler até abrir a imaginação do cara. E também tentar começar querendo dar coisas mais fáceis, é outra grande burrada por que a coisinha mais fácil vai estar simplesmente no nível intelectual dele. Não vai adiantar nada. O sujeito tem que ler para se elevar a concepções e imaginações que transcendem a sua vida. Se você vai ler o que lhe interessa, o círculo do seu interesse já está limitado ao círculo do seu interesse. O que nós temos que fazer é ampliar esse interesse, e não oferecer coisas que estão dentro do círculo do interesse. Mas isso aí é o respeito infinito que o brasileiro tem pelo homem inculto. O homem inculto ele tem um direito. Você pretender incutir cultura nele é violar de alguma maneira a privacidade do indivíduo. Então até os professores de literatura querem alisar o homem inculto.

— Não, você tem toda a razão de dizer isso. Mas me desculpe mas literatura também é interessante, é engraçadinho...

As pessoas tentam isso a cem anos e nunca funciona, e não pode funcionar. Por exemplo, essas campanhas do Ziraldo, para fazer as pessoas lerem. Pra ler o que, *A moreninha*? Você tem que mostrar para o sujeito inculto a miséria da condição dele. Ele tem que entender que ele é um miserável, provinciano, que ele está isolado do mundo, que ele não é ninguém, mas tem a capacidade de se elevar a preocupações universais. Isso que ele tem que fazer. A incultura não merece respeito. Mas isto é a base da sociedade brasileira. Por que elegeram o Lula? Por causa disso. Ele tem o mérito de não ter cultura.

Aluno: E a Dilma... que não consegue se lembrar de um livro...

Aluno: ou também a população evangélica, principalmente pentecostal no Brasil está crescendo muito e eles tem uma coisa que existe aqui em menor grau mas lá é avançado, por exemplo, você não pode se apegar à cultura dos homens, você só tem que ter uma cultura bíblica. Isso também reforça essa incultura? Se você tenta se educar dentro de uma igreja você não vai receber... por que eles vão te...

Isso aí é o que eu falei na aula de ontem. O indivíduo que tenta enfeitar a sua insignificância mediante citações bíblicas, de modo que qualquer besteira que sai da boca dele, dá a impressão que ele está falando em nome de Jesus. Ora, se o que você está fazendo é apenas citação bíblica, você não precisa fazer por que eu posso ler a bíblia por mim mesmo. Eu não preciso de você me repetir a bíblia. Agora, se com a bíblia você está colocando as suas próprias idéias e adornando-as com o selo bíblico, então você está me enganando. Você está fazendo isto por vaidade, você está se enfeitando de um prestígio bíblico que você não tem e querendo me vender como se fosse Jesus Cristo com suas próprias idéias. É empulhação. Então em um caso é uma inutilidade, por que se for para conversar usando só citações bíblicas, para que? A gente lê a bíblia direto, não precisa do pastor para me dizer o que está escrito lá. E se ele está colocando ali suas opiniões e coroando com o nome de Jesus Cristo, ele está me enganando, pois certamente Jesus Cristo não tinha nenhuma idéia que fosse a mesma desses pastores por aí hoje. De nenhum deles. Por que esse pessoal não tem sequer grandeza. São preocupações mesquinhas, idiotas, grupais, provincianas, que são enfeitadas com a linguagem bíblica. Este pessoal está cometendo é blasfêmia, está usando o nome de Deus em vão. Usando o nome de Deus para legitimar aquelas besteiras que eles estão falando, que são apenas opiniões. Elas podem até serem certas, mas são medíocres, mesquinhas, tem pouca significação e no entanto para ele aquilo tem um valor divino. Isto aí é blasfêmia o tempo todo, é usar o nome de Deus em vão. Muito pastor vai para o inferno por causa disso. Pois todo dia você subia lá no púlpito, dizia suas bobagens, e dizia que foi Jesus que disse. É claro que no meio disso, pode existir um pastor que não seja assim, mas o que a gente vê em geral é isso. Além de fazer isso, ainda se tornam culpados, pois além de colocar a sua própria mediocridade como se fosse a voz de Deus, ainda desprezam a alta cultura e afasta as pessoas da alta cultura, cuja aquisição é a condição para que elas se humanizem. Esse pessoal não tem chance, no juízo final vão todos para o inferno. Você não imagina o quanto se deveria estar seguro da importância, da validade universal, urgência daquilo que se está dizendo, para dizer que aquilo é uma palavra divina. Eu nunca fiz isso, nunca pronunciei uma palavra divina, eu só pronuncio as palavras do Olavo. E espero que elas não contradigam a palavra de Deus. É o máxiom que eu posso fazer. Eles não, estão

toda hora abrindo a boca e dizendo que é em nome de Jesus Cristo. Deus já não foi muito claro que não é para usar o nome dele em vão? O que quer dizer em vão? Uma coisa vaidosa, uma coisa oca! Que não tem importância, ou que tem uma importância meramente local, momentânea, pragmática. Esse pessoal avilta a palavra de Deus, por que eles não capazes sequer de se elevar às grandes palavras dos homens, quanto mais à palavra de Deus. Isto aí é fetichismo, eles tem um apego fetichista àquilo. Não obstante, muitos deles tem curso de teologia e sabem que a transmissão da palavra de Deus depende de gerações e gerações de filólogos que estudaram a linguagem, conhecem a literatura, sabem distinguir o peso que as várias palavras tem no texto bíblico, pois eles conhecem a acepção que isso tinha na linguagem da época, etc. Ou seja, eles estão sentados em cima do trabalho de pessoas de cultura literária, e ainda afetam um desprezo por isso. Por exemplo, o indivíduo pode aprender grego lendo só a Bíblia? Não pode! Você não vai nem entender a Bíblia. Se você não conhece a linguagem geral da sociedade, como é que você vai entender uma linguagem específica? Não dá! Se você pega lá o cara que fez um dicionário de grego bíblico. Então ele leu os clássicos da língua grega, ele sabe como funciona a língua grega, ele sabe ler como um erudito. Sabe isso por que? Por que estudou muita literatura. Por causa disso, ele pode explicar o sentido daquelas palavras.

Aluno: A grosso modo, significa que o discurso poético no sentido amplo do termo, ele é inescapável.

É inescapável. Esse é o único discurso inescapável. Uma criança fala aquele discurso. Você espera que ela faça o que, um discurso retórico? Não pode fazer. Ou dialético? Não. Ela tem que fazer o discurso poético. Não existe o que nós podemos chamar uma linguagem literária, distinta da linguagem comum. A linguagem literária é a elaboração e fixação da linguagem comum. Mas as outras linguagens — retórica, dialética, filosófica — essas são linguagens distintas. Mas a língua da literatura é a língua de todo mundo. Trabalhada, modificada, mas é a língua da sociedade, não é uma linguagem especializada. Eis aí por que é preciso ter cultura literária, o máximo que você puder. Qual livro eu devo ler? Pega logo o mais difícil, aquele que você não está entendendo desde a primeira sentença. Lê até o fim, leia vinte vezes até entender.

Aluno: Você recomendaria Shakespeare como um bom começo?

Certamente! Então por hoje é só.

Transcrição feita por Pe. Emilson.